

## Don Juan e a histeria masculina

### *Don Juan and the male hysteria*

**Susana Joaquim Rodrigues<sup>1</sup>**

**Resumo:** A histeria tem estatuto de grande importância para a psicanálise. Foi a primeira psicopatologia estudada por Sigmund Freud, a partir da qual se desenvolveu a teoria e a técnica psicanalítica. Muitos foram os estudos realizados desde então, principalmente com mulheres. Os estudos referentes à histeria masculina são mais recentes e não tão vastos. O presente artigo pretende abordar questões referentes à histeria masculina na atualidade. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura, partindo dos textos clássicos de freudianos até autores contemporâneos. A título de ilustração, utilizou-se o mito popular do Don Juan, que apresenta um típico conquistador, para traçar um paralelo com exemplos atuais. Concluiu-se que a histeria masculina é presente na atualidade e que sua manifestação mantém-se em consonância com o que Freud descreveu sobre a histeria feminina nos primórdios do desenvolvimento da psicanálise. No entanto, constatou-se que, atualmente, a patologia se serve de aportes culturais diferenciados, que exigem do psicanalista, conhecimento teórico profundo em psicopatologia.

Palavras-chave: Histeria; Don Juan; Histeria masculina.

**Abstract:** The hysteria has a status of great importance to psychoanalysis. It was the first psychopathology studied by Sigmund Freud, from which He developed the psychoanalytic theory and techniques. Many studies have been carried out since then, mainly with women. How ever about male hysteria the results found are more recent and not so wide. This present article intends to address issues related to male hysteria and its symptomatic manifestation nowadays. Therefore a literature review was carried out, starting from the classical Freudian texts to contemporary authors. As an illustration, the popular myth of Don Juan was used, which presents a typical seductive man, to draw a parallel with current examples. It was concluded that male hysteria is present and frequent nowadays and that its manifestation remains in consonance with what Freud described about female hysteria in the early development of psychoanalysis. However, it was found out that, currently, the pathology makes use of different cultural contributions, which demands from the psychoanalyst, deep theoretical knowledge in psychopathology.

Keywords: Hysteria; Don Juan; Male hysteria.

<sup>1</sup> Susana Joaquim Rodrigues, psicóloga, psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica.  
E-mail: susanajrodrigues@gmail.com

---

## Introdução

A histeria está no início da Psicanálise. A partir dela, Freud desenvolveu o estudo da psicopatologia, da teoria e do método psicanalítico. Através do atendimento às histéricas da época, investigou as causas psíquicas para os sintomas somáticos apresentados: paralisias, conversões, ataques, impedimentos sensoriais, etc. O estudo com as mulheres foi muito desenvolvido antes e depois de Freud, chegando-se a associar a histeria, quase prioritariamente, às mulheres, por terem útero.

Porém, sabe-se que uma patologia não escolhe gênero. Com a histeria, da mesma forma, temos afecções nas mulheres e nos homens. No entanto, estudos referentes à histeria masculina são mais recentes e, ainda, menos vastos.

Conforme esclarecem Alonso e Fucks (2004):

O reconhecimento da histeria masculina não tem a antiguidade de séculos que tem a histeria feminina, nem mobiliza a produção de imaginários expressos na fertilização de teorias que caracterizam os discursos sobre ela. O fato de a etiologia da histeria ter sido ligada ao útero, durante séculos, contribuiu para que ficasse de fora a possibilidade de se pensar a histeria nos homens. (Alonso & Fucks, 2004 p. 173)

O presente artigo pretende, então, discorrer sobre a histeria masculina, fazendo um breve percurso da obra freudiana e pós-freudiana. Utilizaremos o mito de Don Juan, presente desde muito tempo em várias culturas, para retratar um pouco do funcionamento psíquico da histeria nos homens, concordando com Mees, ao afirmar que “Don Juan [...] revelou uma forma de relação que, nos dias atuais, tem toda vigência: a sedução e o posterior descarte do ou da parceira.” (Mees, 2005, p. 154). Além disso, o mito é atualizado na contemporaneidade das relações passageiras e do amor líquido, centrado no prazer que evita o compromisso, onde a sedução é o fim em si (Mees, 2005).

Amor líquido é a expressão utilizada por Bauman para descrever os relacionamentos modernos e pós-modernos, marcados pela falta de compromisso, pelos prazeres momentâneos e pela troca frequente de parceiros (as). O autor também aborda a questão da idealização, indicando que esta é utilizada, muitas vezes, como justificativa para buscar sempre o próximo encontro e a próxima pessoa, como se algo melhor pudesse ser vivido (Bauman, 2004).

## Método

O método escolhido para o estudo do tema da histeria masculina foi o de revisão da literatura, partindo-se dos textos clássicos freudianos até autores contemporâneos. Também foi utilizado o mito clássico do Don Juan para ilustração e para traçar um paralelo com as manifestações contemporâneas da histeria nos homens.

## Estudos sobre a histeria

Desde o início dos estudos sobre a histeria, o corpo teve um lugar central. No atendimento às histéricas, as conversões eram evidenciadas. Mulheres que sofriam com paralisias, conversões, perda da voz e da visão agitavam a

comunidade médica. Freud, a partir da não identificação de lesão no corpo que justificasse os sintomas, classificou a histeria dentro das psiconeuroses (Freud, 1895[1893]/2016).

Inicialmente, associada a um trauma de caráter sexual, a partir da evolução da teoria psicanalítica, foi sendo relacionada a fantasias sexuais infantis. Como nas outras neuroses, ocorre a formação de compromisso para aplacar a angústia gerada por uma ideia excessivamente intensa, que converte o afeto no corpo após o recalque da ideia.

O recalque se dá quando a satisfação de uma pulsão seria possível e prazerosa, mas seria inconciliável com outras exigências e intenções, ou seja, geraria prazer em um lugar de desprazer no outro, sendo sua condição que o motivo do desprazer adquira maior poder que o prazer da satisfação. (Freud, 1915/2010, p. 84). É a operação através da qual o sujeito mantém no inconsciente as representações ligadas a uma certa pulsão. Então, quando dois impulsos de desejo são ativados ao mesmo tempo, e suas metas são incompatíveis, eles não subtraem algo um do outro ou se anulam, mas concorrem para a formação de um objetivo intermediário, um compromisso (Freud, 1915/2010, p. 127).

A formação de compromisso, conforme apontam Laplanche e Pontalis (2001), é:

A forma que o recalcado assume para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho e, mais geralmente em qualquer produção do inconsciente. As representações recalçadas são então deformadas pela defesa ao ponto de serem irreconhecíveis. Na mesma formação podem assim ser satisfeitos — num mesmo compromisso — simultaneamente o desejo inconsciente e as exigências defensivas (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 198).

As histéricas despertaram interesse desde a antiguidade. Já foram consideradas bruxas, doentes e sábias ao longo do tempo. No entanto, o que Freud destacou e permanece vigente aos psicanalistas, é o sofrimento envolvido na patologia. Embora, possa parecer a alguns desavisados que a histérica ou histérico é indiferente ao afeto, isso não é assim, de forma alguma. O sintoma, via a partir da qual vai fazer falar o seu sofrimento, está no corpo. A insatisfação constante, a evitação do prazer pleno e os sintomas que afetam diretamente as funções corporais e a mobilidade mostram a fragilidade de um psiquismo em sofrimento.

Apesar da histeria ter sido bastante estudada e tratada nas mulheres, ainda assim, há muitas incógnitas a desvendar. Por ser uma patologia dinâmica, em relação com a época vigente, o caráter das manifestações, assim como nas outras neuroses, apresenta variações consideráveis de acordo com o momento histórico e cultural em que ocorrem. Devido ao seu polimorfismo, pode inclusive gerar dúvidas sobre sua existência atual.

Quando se trata da histeria masculina, mais difusa parece estar a sua caracterização, levando alguns autores contemporâneos a alertar que os histéricos masculinos estão escondidos em outras categorias diagnósticas. (Israël, 1995; Alonso & Fucks, 2004). Temos observado na clínica psicanalítica o aumento gradual da procura por parte dos homens, com as mais variadas manifestações de sofrimento o que nos demanda a realização de estudos específicos para melhor compreensão, diagnóstico diferencial e indicação

---

terapêutica. As relações amorosas tendem a ser uma questão, assim como outras manifestações de angústia e insatisfação de forma geral, além dos relatos de ejaculação precoce e de impotência sexual.

Tendo em vista que as mudanças culturais são cada vez mais rápidas e evidentes, acreditamos que estudar as formas de manifestação da psicopatologia na atualidade nos auxilie a pensar a teoria e a clínica. Dessa forma, trazemos a figura clássica do Don Juan, um conquistador para ilustrar a manifestação da histeria nos homens e, em paralelo, abordamos outras manifestações atuais que consideramos poderem estar associadas ao tema em questão.

## Don Juan e a histeria masculina

Don Juan é um personagem mitológico, que surgiu em 1630 no drama espanhol de Tirso de Molina: *El Burlador de Sevilla*. Desde então, apareceu de várias formas em outros lugares. Na Itália foi chamado de Don Giovanni. O mais popular na sua imagem e história é a fama de como lidava com as mulheres. Tido como um grande conquistador, foi representado na literatura, nos cinemas e nos palcos do mundo inteiro.

Bonito, elegante e sedutor, com muitas conquistas e nenhuma relação afetiva mais íntima, o mitológico Don Juan se apresenta e vai trilhando sua trajetória de romances com várias mulheres.

A histeria, tão associada ao feminino desde Freud, apresenta outras nuances no encontro com o gênero masculino. No entanto, na gênese muito pouco muda. Assim como nas mulheres, a histeria no homem é dada a partir da falha na resolução do Complexo de Édipo, que deixa brecha para o retorno do recalcado em forma de sintoma.

Freud nos esclarece que o recalamento não impede que o representante da pulsão siga existindo no inconsciente, e continue se organizando, formando derivados e estabelecendo conexões. O que ele perturba é a relação com o sistema consciente. (Freud, 1915/2010). No caso da histeria, a formação de compromisso se dá pelo sintoma da conversão a partir do deslocamento.

Mas qual o sintoma histérico no homem?

Don Juan nos mostra o caminho da patologia. O rapaz, tido como um conquistador, está sempre em busca das mulheres mais difíceis de serem conquistadas. Empreendendo a arte da sedução até atingir o objetivo para, logo após, abandoná-las e seguir em busca da próxima. Esse personagem é, ao mesmo tempo, histórico e atual. Se antes, poderia ser considerado uma exceção, algo até mesmo excêntrico, hoje faz parte da cultura dos amores líquidos, como refere Bauman (2007), onde todo o paradigma das coisas sólidas, incluindo aí os relacionamentos, foram substituídos por uma liquidez, tantas vezes volátil. De forma geral, as relações tendem a ser menos duradouras e, muitas vezes, mais superficiais.

De encontro em encontro, o Don Juan moderno, vai colecionando experiências com mulheres diversas, conquistando e abandonando, assim como antes. Claro, que esse tipo de relação a qual nos referimos, não abarca todas as pessoas e também não se restringe aos homens, bem como, nem toda relação pautada nessas questões, é necessariamente, patológica. Fazemos aqui o recorte que serve ao tema desenvolvido.

O homem histérico cuida do corpo, se veste bem e tem um alto investimento na aparência corporal, assim como a mulher. Sob uma aura de onipotência, esconde-se a falta que não pode ser mostrada.

Mayer afirma que “o histérico tem tanta insegurança de sua identidade sexual como a mulher da sua. Como ela, precisa fazer demonstrações, cobrindo-se de insígnias ou objetos emblemáticos que o assinalem como alguém superviril (supercarros, superlanchas, supermulheres...) para que todos o desejem” (Mayer, 1989, p. 70). Na tentativa de não se deparar com a falta, busca a perfeição. Ele é extremamente vaidoso e está sempre seduzindo, mostrando potência, seja pelo corpo modelado, pelo carro ou por suas roupas e perfumes, que são também representantes do falo.

De forma geral, o corpo todo é erotizado, em detrimento da erotização do órgão genital, que pode ficar anestesiado. Sendo assim, o homem histérico pode não ter um bom desempenho sexual, ou seja, a sedução não culmina em orgasmo para os parceiros. Ao final do encontro, resta insatisfação para ambos (Nasio, 1991). Por isso, é muito comum que sintam os efeitos das disfunções eréteis e da ejaculação precoce. Costumam deixar as mulheres insatisfeitas, as relações sexuais estabelecidas não levam à satisfação.

Outro ponto para a ocorrência da não satisfação, diz respeito justamente, à dinâmica do Complexo de Édipo. O menino que se tornou um homem histérico foi colocado no lugar de suprir as frustrações da mãe, com falhas na função paterna da interdição e da identificação. Assim, não pode satisfazer a mulher do desejo, isso o assusta devido às fantasias incestuosas com a mãe. Sendo a neurose uma forma de defesa da angústia que não consegue assimilar, a ideia foi recalcada e uma explicação consciente ficou em seu lugar, ou seja, a fantasia tomou o lugar de algo desejado. Assim, nenhuma mulher é boa para os Don Juans de todos os tempos, porque nenhuma mulher será capaz de superar a mãe idealizada pelo menino que está fixado no Édipo e, portanto, impedido de amar.

A única saída encontrada, então, é deixar o outro ou a outra desejando, enquanto se afasta. Ele não suportaria ser deixado, qualquer movimento que incite a exclusão é temido, por isso se afasta antes. Sua insegurança vem disfarçada de onipotência. Mostrando-se sempre parcialmente, é envolvido em mistério.

As falhas no narcisismo marcam a necessidade de buscar a prova de que é amado. O objetivo da conquista não é estar com a mulher a qual lhe desperta desejo e sim, saber-se desejado por ela. Por isso, em relação ao caráter do homem histérico, Mayer nos traz que não difere muito do feminino. “Também ao homem histérico agrada seduzir, quer ser amado por todos e não pode escolher. Escolher algo ou alguém é renunciar a todo o resto, e ele não quer perder nada” (Mayer, 1989, p. 70). A necessidade de se sentir amado está no mote da sedução histérica, que faz com que “escravizado às mulheres que imperativamente tem de seduzir, Don Juan devota sua vida a tentar encontrar aquilo mesmo que, aparentemente, se incumba de destruir, pois, a cada mulher conquistada, o enganador também busca àquela que não sucumbirá à sedução” (Mees, 2005, p. 156).

A insatisfação é presente na histeria de ambos os sexos. Os homens, na busca incessante pela troca de parceiras(os), colocam em ato, a permanente insatisfação. Nenhuma mulher lhes serve, nenhuma delas é boa o suficiente, nenhuma é capaz de manter acesa a chama do interesse despertado inicialmente. De começo, quanto menos a mulher responde às suas investidas, mais interessante lhe parece. Ocorre, que, quando a conquista, quando obtém o retorno do qual tanto investiu, o homem histérico se retira, se afasta, podendo até empreender um movimento fóbico. Assim segue, sem jamais assumir relacionamentos duradouros, em afãs que se esvaem em uma noite, ou após alguns encontros. Rapidamente, se decepiona, mil motivos encontra para não

---

se vincular. A mulher conquistada nunca estará à altura daquela da fantasia. Nunca será tão boa quanto à mãe idealizada do Complexo de Édipo, e ainda, se for, será apenas mais um motivo para que fuja dela, devido à angústia insuportável de seus desejos incestuosos.

Este homem está preso ainda no Édipo, sem conseguir estabelecer um lugar de valor perante a si e aos outros. O sintoma é sua forma de dizer, de falar do que lhe é insuportável. Apesar da aparência de que tudo está bem, de que a liberdade é o que deseja, na verdade, está preso. Sabe, inconscientemente, que algo não está bem, e ao se dar conta disso, é quando pode, buscar ajuda. Concordamos com Nasio quando afirma que “o histérico é fundamentalmente um ser de medo que, para atenuar sua angústia, não encontrou outro recurso senão manter incessantemente, em suas fantasias e em sua vida, o doloroso estado de insatisfação” (Nasio, 1991 p. 15).

Na verdade, não obtém prazer, não sabe como satisfazer o seu desejo, nem tampouco o da parceira ou parceiro, ainda que por breves momentos, por isso é insaciável e está sempre em busca de algo novo. A sedução não é uma diversão, um prazer e sim, um sofrimento. O sexo não é encontro, troca, e sim descarga. Excesso de quantidade, falta de qualidade. Assim, tipo prisioneiro de sua própria armadilha, segue o Don Juan, em busca daquilo que nunca o satisfaz, pela via da compulsão exercida pelas ideias excessivamente intensas.

A evitação histérica, o medo de gozar ao máximo, corresponde ao medo da morte e do aniquilamento. O gozo não pode ser concedido. Assim, o par insatisfeito, segue se fazendo e desfazendo. A compulsão pela conquista não possibilita prazer.

Ainda em relação ao Complexo de Édipo e às figuras parentais, Nasio nos fala sobre a relação com a mãe, dizendo que o homem histérico corresponde a um pedido inconsciente da mãe de suprir suas frustrações. É uma mãe que se mostra frágil, como se o filho tivesse que resolver os seus problemas. E segue afirmando que ele (o homem histérico) é filho de um pai que não apontou a sua virilidade. Assim, preso nesse lugar, segue sofredamente, tentando “[...] evitar a qualquer preço qualquer experiência que evoque de perto ou de longe um estado de plena e absoluta satisfação” (Nasio, 1991, p. 16).

Não é raro encontrarmos homens adultos vivendo ainda em função de suas mães reais, não conseguindo afastar-se nem afetivamente e nem fisicamente, muitas vezes. Muitos, inclusive, permanecem morando na casa da mãe até os quarenta anos ou mais.

### **Outras características da histeria masculina**

A histeria é uma neurose. Dito isso, considera-se que há um sofrimento envolvido. A neurose histérica se desenvolve a partir do Complexo de Édipo, como saída para aplacar a angústia. O que a caracteriza é a conversão do afeto no corpo, com sintomas somáticos de causa não orgânica. “A conversão se define, do ponto de vista econômico, como a transformação de um excesso constante de energia que passa do estado psíquico para o estado somático” (Nasio, 1991, p. 30).

Nos homens, esses sintomas, que começam a surgir a partir da adolescência, quando o entendimento das experiências sexuais é possível, podem vir na forma de disfunções sexuais, ejaculação precoce e impotência. Como a mulher é idealizada e colocada num pedestal, a sua demanda é entendida não como o desejo de uma mulher por um homem e sim como uma solicitação de que prove a sua virilidade, que responda eficazmente e não como um jogo

amoroso, por isso o medo de fracassar no ato sexual é permanente. Com a impotência, o homem histérico responde inconsciente à demanda de amor exclusivo à mãe. São comuns os fracassos do primeiro encontro, quando, após toda a preparação da cena, a ereção não ocorre. Além disso há os homens que se interrogam sobre o tamanho e os atributos do seu pênis, ou ainda a propósito de sua beleza muscular e que, correlatamente, manifestam baixo interesse pelas mulheres ou uma baixa pulsão de penetrar o corpo da mulher (Alonso & Fucks, 2004; Nasio, 1991).

Além disso, outros sintomas conversivos podem ser observados, como “queixas de mal-estares gastrointestinais, lipotimias, desmaios, taquicardias, episódios ansiosos, com alterações do funcionamento cardíaco, quadros de fadiga com dores difusas e ideias hipocondrias” (Alonso & Fucks, 2004, p. 175).

Na conversão histérica “a sobrecarga energética deixa os grilhões da representação intolerável, conserva sua natureza de excesso e ressurgem transformada em sofrimento corporal, seja sob a forma de uma hipersensibilidade dolorosa, seja, ao contrário, sob a forma de uma inibição sensorial ou motora” (Nasio, 1991, p.30). O autor ainda nos aponta que as manifestações somáticas da histeria podem ser entendidas como a expressão substituta de um orgasmo sexual, salientando ainda que a sexualidade do histérico permanece como uma sexualidade infantil.

Ainda que as manifestações no corpo tenham um caráter central na histeria, Alonso e Fucks (2004) nos alertam que, para o homem, está menos em jogo o corpo do que a imagem ou a honra. Assim, podemos encontrar, dentre os histéricos masculinos, aqueles envolvidos em ataques violentos contra mulheres. Crises de cólera podem se equivaler ao ataque histérico feminino e os histéricos costumam ser encontrados nas delegacias por consequência de brigas e agressões, principalmente, contra as mulheres. Esses ataques, além de descarga libidinal, expressam dificuldade de lidar com as impotências da vida cotidiana.

O alcoolismo e o abuso de substâncias também são uma forma da expressão da histeria nos homens, fazendo com que ele apareça como um homem lá onde não consegue estar como tal, permitindo enganar a mulher idealizada com a ilusão de que realmente tem o objeto fálico que ela espera. O fisiculturismo pode ter uma função semelhante de oferecer um corpo musculoso para que a mulher goze com a sua visão. Além disso, no homem, o medo da morte e o pânico se fazem bastante presentes, a angústia de castração aparece mais diretamente como síndromes de angústia ou, em virtude de certos deslocamentos, como pequenas ou grandes fobias. É muito comum o uso de antidepressivos e ansiolíticos, o que acarreta a preocupação com os efeitos secundários dos medicamentos, dentre eles a diminuição da libido e a impotência (Alonso & Fucks, 2004; Mayer, 1989; Nasio 1991).

Outro aspecto decorrente da histeria masculina é apresentado por Nasio (1991) como histeria dissociativa, que é caracterizada pelo fato do homem levar duas vidas em paralelo com mais de uma parceira ou parceiro, onde as traições e as mentiras podem ser frequentemente encontradas.

### **Considerações finais**

Por muito tempo a possibilidade de pensar a histeria nos homens ficou comprometida, devido à etiologia ter sido associada ao útero. Porém, estudos recentes apontam que os homens histéricos sempre existiram e seguem existindo e muitos deles estão sofrendo com sintomas conversivos, abuso

---

de substâncias, disfunções sexuais e dificuldades de relacionamento. Outros sendo alvos de mulheres, ou tal qual Don Juan, vagueando em busca de amor sem entrega, ocupados com a compulsão da sedução, capturados ainda pela fantasia de ser tudo para a mãe idealizada da infância.

Na clínica, têm aumentado a busca de atendimento de homens com dificuldade de escolher: empregos, mulheres, estilos de vida, querendo tudo e não podendo abrir mão de nada. Eternamente insatisfeitos, sempre em busca de algo que ainda não têm. E ainda, muitos histéricos mascarados sob outra etiqueta diagnóstica como podemos vir a desconfiar das crises de pânico, tão comuns atualmente, dentre os homens.

Assim como nas mulheres, algo da ordem de uma transação verifica-se no resultado: o sintoma é a anestesia, é remédio, mas é também, a enfermidade. A dor não é sentida, mas a enfermidade também não pode ser curada, tampouco se pode amar (Alonso & Fucks, 2004, p. 92).

A histeria masculina parece que não choca tanto, não salta aos olhos de cara, e é preciso um olhar e uma escuta mais atentos para identificá-la, sobretudo no que se refere ao nosso exemplo ilustrativo. O Don Juan moderno pode passar despercebido, totalmente mimetizado na cultura do amor líquido. De forma geral, é assim que a banda toca na pós-modernidade e ele pode, apenas dançar conforme a música. É aceito, desejado e está dentro dos padrões de relacionamentos na atualidade. Não será perseguido nem odiado. Mas, seguirá partindo corações, inclusive o seu. Para esse dilema, a escuta psicanalítica oferece uma possibilidade, uma forma de disseminação do excesso que permanece após o recalque e a uma via possível para curar o sujeito do irreconciliável. A escuta e a interpretação funcionam como um eu simbólico capaz de acolher a representação inconciliável recalcada pelo sujeito histérico, neutralizando a sobrecarga mórbida, distribuindo-a entre o conjunto de suas próprias representações. Dessa maneira, a operação ocorre tanto a nível energético quanto simbólico (Nasio, 1991).

Faz-se necessário que mais estudos sejam desenvolvidos sobre a histeria nos homens para que os nossos subsídios teóricos e clínicos sejam ampliados.

## Referências

- Alonso, S. E., & Fucks, M. P. (2004). *Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Freud, S. (1893/2016). Estudos sobre a histeria. In *Obras Completas*, (v.2). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915/2010). O inconsciente. In *Obras Completas*, (v. 12).. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915/2010). A repressão. In *Obras Completas*, (v.12). São Paulo: Companhia das Letras.
- Israël, L. (1995). *A histérica, o sexo e o médico*. São Paulo: Editora Escuta.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. (4ª ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Mayer, H. (1989). *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mees, L. A. (2005). O Don Juan líquido ou a histerização do masculino. In *Masculinidade em crise*. Porto Alegre: APPOA.
- Nasio, J.D. (1991). *A histeria: teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.